

## FOTOGRAFIA

## Viagem ao centro da Terra

Depois de 34 anos de trabalho, Sebastião Salgado regressa a África no seu novo livro. Conversa com o fotógrafo e a mulher por trás da sua obra

POR CLÁUDIA LOBO

**E**stá na altura de devolver a África uma parte do muito que me deu», disse Sebastião Salgado em Madrid, na inauguração da exposição *África*, neste Verão, considerada pelo público a melhor mostra da Photoespaña. O livro *África*, agora nas livrarias, também se inclui nessa troca de afectos: é dedicado a Joseph Muniyankindi, que Salgado conheceu na sua primeira viagem ao Ruanda, em 1971, e que viria a ser assassinado, ele e toda a família, em 1994.

Afecto é o que o público continua a sentir pela obra deste grande fotógrafo brasileiro, nascido em Aimorés em 1944, que se tornou fotógrafo aos 29 anos. A meio da tarde da última quarta-feira, Salgado autografou livros na Fnac, em Lisboa, durante perto de duas horas e meia. Em três dias, apresentou o livro em Portugal, Madrid e Paris. Até ao final do ano, irá (sempre com a mulher, Lélia) ao Brasil, Colômbia e Tóquio, onde, de dois em dois anos, dão uma semana de aulas numa escola de Belas-Artes. «Não damos aulas, batemos um papo com os alunos», diz Lélia. O que lerá a seguir também não é uma entrevista – é mais um «bate-papo», a três.

Este é um projecto antigo? Numa entrevista de 2000, a Cáceres Monteiro, já falava do desejo de fazer um livro sobre África...

**SEBASTIÃO SALGADO:** Sim, é. Sou, provavelmente, um dos fotógrafos que mais trabalhou sobre África. Fiz 40 viagens a África, ao longo de 34 anos. O livro tem fotografias de 1973 – inclusive tem três fotografias da minha primeira reportagem, no Níger.



### Lélia Wanick Salgado

Casada com Sebastião Salgado, é a pessoa que lhe organiza as exposições e os livros desde o início da sua carreira. Estudou Arquitectura na Escola Superior de Belas Artes de Paris e tem uma pós-graduação em Planeamento Urbano. É directora da agência Amazonas Images, sediada em Paris, que se dedica em exclusivo ao trabalho de Salgado. Acompanha-o em quase todas as viagens.

**LÉLIA WANICK SALGADO:** E desde aí apoiou sempre África. No livro há uma fotografia de uma mulher carregando uma ânfora na cabeça – essa foto correu França inteira. Uma ONG católica usou-a numa campanha de apoio a África, em 3 milhões de posters gigantes. E, rapaz!, a gente se tinha esquecido dessa foto!

**SS:** O lema dessa campanha era muito bonito: «A Terra é de todos.»

### Deve ser complicado e moroso revisitar 30 anos de fotografias de África.

**SS:** O interessante é a forma como a Lélia organizou o livro, por regiões, porque, na verdade, as regiões são muito diferentes.

**LWS:** Não há uma África, mas várias Áfricas.

### Como é que a Lélia fez? Olhou de novo para todas as fotografias?

**LWS:** Olhámos de novo para as provas de trabalho, que são as que fazemos depois das provas de contacto.

**SS:** Há muitas fotos inéditas, no livro. A do Hailé Selassié, por exemplo. E é incrível, essa foto, por causa da felicidade dos três principais dignitários da Igreja Copta por estarem perto do poder. Essa é uma caracte-

terística da igreja da Etiópia, que sempre foi dedicada ao poder e nunca ao povo.

**LWS:** O livro abre com Angola, porque decidi começar com a guerra e as independências, com a ideia de África virando África.

**Ao colocar no livro fotos de Génesis [projecto no âmbito do qual está a fotografar os lugares ainda intactos do planeta], o trabalho ganha uma amplitude enorme.**

**SS:** Para completar o círculo da minha vida e do meu trabalho tinha de voltar à Terra, ao centro, à razão de tudo, que é o planeta. *Génesis* é o completar desse círculo. O interessante é que, ao introduzir isso no livro, há uma ligação entre todas as coisas – e traz o poder da África, né? África é um continente maravilhoso, lindo, fabuloso. Aquela luz... E não há outro continente com tantos animais únicos. Mas, ao mesmo tempo, é onde eu vi talvez a maior degradação de tudo – não de morte, porque eu vi morte em todos os locais, não de fome, mas degradação no sentido de mostrar que a nossa espécie é cruel. O que vi em África fez-me lembrar o que se passou na Idade Média, na época da Inquisição, na II Guerra Mundial...

**LWS:** ... no Iraque...

**SS:** Trabalhando em África, senti que fazemos parte de uma espécie muito cruel. A crueldade não é específica de África, mas da nossa espécie.

### Ao longo destes 30 anos, a sua relação com África foi mudando?

**SS:** Foi. Ciclos de adoração profunda, de negação profunda, de jurar nunca mais colocar o pé em África. Depois do que eu vi em

Angola, em 1975, da guerra, das barbaridades terríveis, jurei nunca mais voltar a África. E acabei voltando e voltando, até a Angola, e acabei não saindo de África. Só este ano já lá estive duas vezes, por causa de *Génesis*.

**Agora regressa a África não para fotografar a fome ou a guerra, mas a Natureza. Volta-se ao mesmo sítio e vê-se o que não se tinha visto?**

**SS:** Não. Por exemplo, as fotografias das plantações de chá, dos campos de refugiados de Goma [Ruanda], dos vulcões e dos gorilas são todas da mesma zona. Quando fui pela primeira vez a África, em 1971, como economista da Organização Mundial do Café – ainda não era fotógrafo –, trabalhei naquela região. Era o local ideal para o desenvolvimento da cultura do chá e foi ali que analisei o impacto do projecto de desenvolvimento económico da Organização Mundial de Café, que abrangia 28 mil famílias. Voltei em 1981, para fotografar aquelas plantações de chá; voltei em 1994, às plantações de chá, para vê-las completamente queimadas, destruídas, cheias de refugiados; e voltei,

depois, para fotografar os gorilas. Os locais não distam uns dos outros mais de 50 quilómetros. Cada vez que regressava, passava pelo sítio onde já tinha estado há 10 anos, há 20 anos. É um negócio muito forte.

**Do ponto afectivo, deve ser difícil...**

**SS:** Sabe, são camadas, camadas sobrepostas. Por exemplo, quando eu trabalhava no chá, não imaginava todas as convulsões por que a região ia passar. Quando trabalhava nas convulsões, não imaginava que um pouco mais acima tinha os gorilas – camada intermédia – e depois de trabalhar com os gorilas, passei para os vulcões, mais alto ainda. São vários níveis de uma mesma coisa. E, de facto, como diz a Lélia, «tudo isso é Natureza». Nós, seres humanos, somos Natureza.

**Pode haver uma leitura política do facto de voltar a África apenas para fotografar a Natureza, e não a guerra e a fome, que continuam a existir. Sebastião Salgado «largou a causas»?**

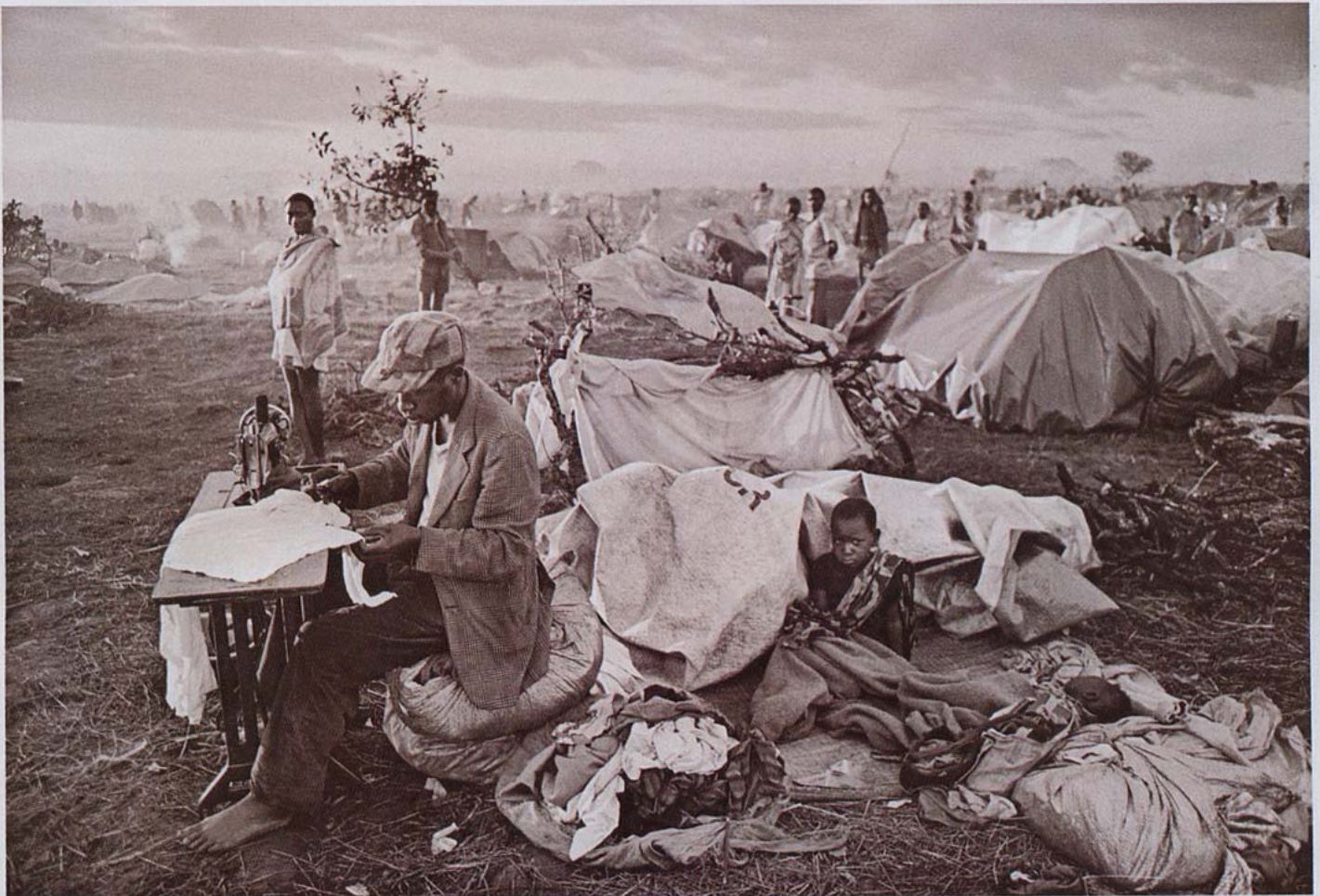
**SS:** Não é isso. Se olharmos para as coisas de um ponto de vista mais lato, a verdade é que

nunca nos importamos muito com a megadiversidade do planeta. Consideramos que só a sobrevivência da nossa espécie é importante. E hoje, para a sobrevivência da nossa espécie, acho fundamental pensar-se em todas as outras espécies, em tudo o que está à nossa volta.

**Mas ainda há uma «saída» para África?**

**SS:** No Sara, 75% da população ainda é rural. Com as previsões de aquecimento global, de falta de água, de urbanização maciça, temos hoje condições para propor a África um outro modelo de desenvolvimento económico: parar de investir maciçamente no sector secundário e terciário e voltar a investir na agricultura. Primeiro, para manter as populações no campo – as cidades africanas não têm capacidade de assimilar o êxodo rural. Em segundo lugar, para preservar os ecossistemas das florestas e dos rios e ajudar a recuperar o que foi destruído. Hoje, temos condições para ajudar uma agricultura politicamente correcta. As comunidades mais ricas do planeta, como a europeia e a americana, estão dispostas a pagar um pou-

**Tanzânia, 1994** No campo de Benako, com cem mil refugiados: «No final do dia, anoto tudo o que vi, senti e fotografei», conta Salgado





**Mali, 1985** Uma vítima da fome durante a seca. «Houve alturas em que jurei nunca mais voltar a África»



### África

Com uma edição trilingue, em português, italiano e espanhol, *África* (Taschen, €55) reúne 233 fotografias feitas ao longo de 34 anos. Os textos de Mía Couto introduzem cada um dos três capítulos: África Austral, Grandes Lagos e Região Subsariana. Concepção e design de Lélia Wanick Salgado

co mais por produtos puros, não poluídos. Pelo comércio justo. Então, quem sabe se a gente não poderia propor um outro modelo de produção. Deveríamos incentivar cooperativas que façam os produtos chegarem directamente do produtor e o dinheiro da sua venda ser entregue ao produtor. Esse é o grande problema da África – a instabilidade social vem da instabilidade económica.

#### Pode dar um exemplo?

**SS:** Num país como o Ruanda, um proprietário rural trabalha de sol a sol. O que é que ele recebe? Ele não recebe nada para comprar sapato, anda descalço, ele não recebe nada para comprar uma casa, que casa ele não tem, ele não recebe nada para a educação dos filhos, porque não os consegue colocar na escola, ele não recebe nada para a saúde. Na realidade, o produto dele é vendido a preço negativo. O preço do café é fixado em Londres, país que nunca produziu um grão de café, pelas grandes centrais. Se analisar o preço do chá ou do café, nos últimos 20 anos, vai ver que subiu sempre – e que o produtor rural recebeu cada vez menos. Se resolvermos estas questões, e se além disso houver uma agricultura sustentada, muito do problema social de África desaparece. E hoje estamos em condições de o fazer, porque há um grito de alerta sobre o planeta, um grito que alerta para o fim da nossa espécie e das outras. Se começarmos por aí, a gente consegue resolver o problema – e isso nós sabemos através do nosso projecto no Brasil.

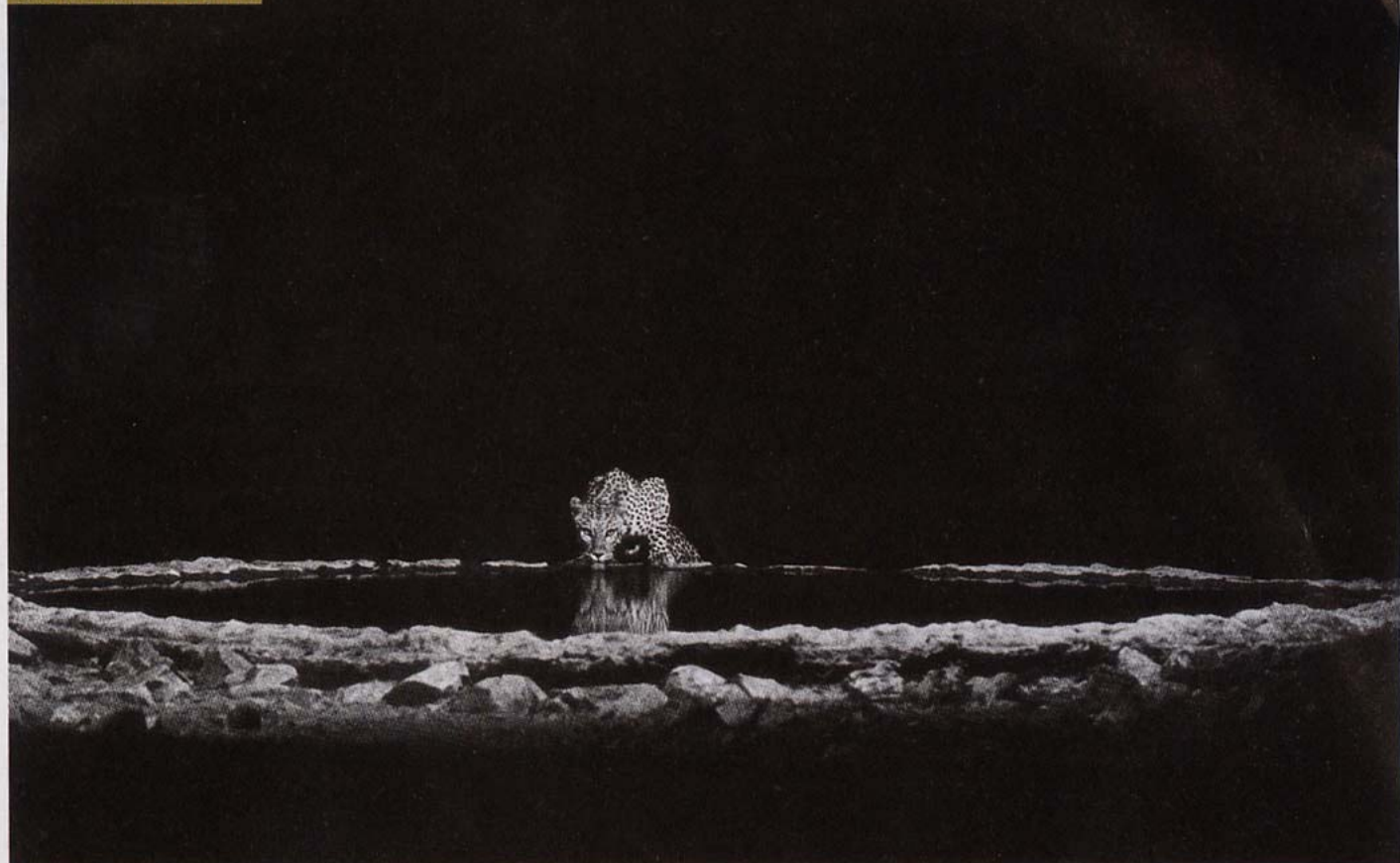
**Está a referir-se ao Instituto Terra [fundado pelo casal na sua terra natal, Aimorés, Minas Gerais, Brasil, com o objectivo de preservar a mata atlântica]. O que é hoje esse projecto?**

**LWS:** É uma ONG que trabalha com reflorestamento e preservação da mata atlântica, com educação ambiental, com desenvolvimento sustentável da região – e com recuperação de água. Com o reflorestamento, recupera-se a água.

**O trabalho de preservação é feito nos terrenos do Instituto?**

**LWS:** O Instituto Terra tem perto de 700 hectares, dos quais já replantámos 380. Mas o nosso trabalho mais forte é fora, com as comunidades rurais.

**SS:** Hoje, temos capacidade física para produzir um milhão e 100 mil árvores por ano, de 160 espécies. Mas não há clientes para tanto. Por isso, produzimos 750 mil, das quais nós plantamos 160 mil. O restante vai para as outras comunidades.

**CULTURA**  
**FOTOGRAFIA**


**Namíbia, 2005** Uma das fotografias do projecto *Génesis* em que Salgado trabalha actualmente: um leopardo no Vale do Rio Barab

**São entregues a proprietários rurais, para serem plantadas?**

**LWS:** Não entregamos apenas, também prestamos assistência técnica.

**SS:** Temos também um centro que forma dez técnicos agrícolas ambientais por ano. Olha, a gente está trabalhando muito!

**LWS:** E o maravilhoso é que o Instituto começou em 1999 e já se vêem resultados: as árvores começaram a crescer, a água apareceu de novo e agora todo o mundo quer replantar.

**SS:** Não existia tecnologia de recuperação ambiental de florestas tropicais, havia apenas pequenas experiências. Hoje é o maior plantio do Brasil.

**O Instituto Terra ganhou «terreno», com o projecto *Génesis*?**

**LWS:** Há muito que *Génesis* existia na nossa cabeça e nas nossas conversas. De repente, foi necessário mostrar o que se podia fazer para mudar o estado do planeta e surgiu o Instituto Terra. Acho que está tudo muito misturado, o *Génesis* e o Instituto Terra, né?

**SS:** Totalmente. O *Génesis* nasceu dentro do Instituto Terra.

**LWS:** Mas o Instituto Terra também nasceu dessa necessidade de lutar contra a degradação do mundo. Quer dizer, nada é sozinho.

**O Instituto Terra tem vindo a ganhar mais dinheiro, mais tempo, mais empenho dos dois?**

**SS:** Menina, a gente passa esse chapéu pelo mundo inteiro!

**LWS:** Andamos pelo mundo inteiro pedindo dinheiro.

**Voltando à fotografia, pode dizer-se que os dois projectos anteriores, *Trabalho e Êxodos*, foram o diagnóstico e *Génesis* é a receita?**

**SS:** Não. *Génesis* é uma constatação do nosso património real – 46% do planeta ainda não foram destruídos. No fim, queremos apresentá-lo através de exposições, de um programa educacional, de debates. Queremos que essa nova apresentação do planeta crie um efeito surpresa, para ajudar a criar um movimento de protecção da Terra. Eu não me transformei num fotógrafo de Natureza, de animais, estamos é trabalhando num projecto...

**LWS:** ... estamos trabalhando num ponto de vista, num ponto de vista político, que foi sempre o do seu trabalho.

**Fisicamente, *Génesis* é um projecto exigente?**

**LWS:** É. Só para ter uma ideia: nos Himalaias, fizemos 496 quilómetros a pé.

**SS:** Tenho um assistente que é guia de alta montanha, e que vai sempre connosco. São viagens muito físicas, você entende? Olha,

nos Himalaias passámos quatro pontos, todos mais altos que o Monte Branco. Eu fui por um lado e Lélia foi por outro. Encontrámos-no a meio, a mais de 4 mil metros. Levámos 36 mulas.

**LWS:** São verdadeiras expedições.

**SS:** E, na Argentina e no Chile, onde fizemos um trabalho sobre os glaciares, ainda foi mais duro do que nos Himalaias!

**A Lélia vai sempre?**

**LWS:** Claro, mas eu tenho que ir! Como é que posso deixar de ver essas coisas bonitas?

**SS:** Não, é importante, porque é a Lélia quem faz os livros e as exposições.

**Pelo entusiasmo com que falam, *Génesis* parece ser um projecto muito recompensador do ponto de vista pessoal.**

**LWS:** Ah!, sim, ver todas aquelas coisas...

**SS:** É um privilégio.

**LWS:** E, depois, trazer as fotografias!

**Escolher as fotografias não deve ser fácil...**

**SS:** O interessante é vermos a diversidade do que já fizemos até agora. No final, teremos, seguramente, uma colecção de fotografias que vai permitir uma exposição nunca antes feita, na História da Humanidade.

**LWS:** Tenho que inventar uma forma que permita mostrar um grande número

## CULTURA

### FOTOGRAFIA

- de fotografias. Porque é tanta coisa, é tão bonito e tão variado!

#### Já está a pensar nessa exposição?

**LWS:** É, já estou pensando como vamos mostrar isso em exposição e em livro – não pode ser apenas um livro, têm de ser mais. Não dá para escolher só quatro ou cinco fotografias de cada sítio! Em primeiro lugar, porque os temas são tão maravilhosos, e, em segundo, porque tão pouca gente viu estes lugares que as pessoas têm direito a ver.

#### De cada reportagem, enviam 40 fotografias para os jornais e revistas de todo o mundo que publicam, em exclusivo, *Génesis* [a VISÃO é um deles]. Como seleccionam as imagens?

**LWS:** Tião [é assim que Lélia trata o marido] olha sozinho para as provas de contacto, escolhe e mandamos fazer cópias pequeninas. Essas cópias são separadas por assuntos e aí entra de novo Tião sozinho, que tira aquelas de que não gosta. Depois, Françoise [editora da Amazonas Images] e eu revemos tudo. Escolhemos um leque de imagens e mandamos fazer provas grandes, 30X40 cm. É a partir delas que seleccionamos as 40 finais.

#### Quanto tempo demora todo esse processo?

**SS:** Edito, em média, 50 provas de contacto por dia. Cheguei agora da Etiópia com mais ou menos 450 provas de contacto. Vai demorar cerca de nove dias só para escolher os contactos. Ao todo, devem ser uns 20 dias.

#### Quem faz as legendas das fotografias?

**SS:** Todos os dias, à noite, numero as fotografias e anoto tudo: os lugares, os nomes, o que vi, o que senti. Passo uma hora a escrever. Quando volto, tenho tudo no meu caderninho. A legenda é a base do livro.

#### A escolha das fotografias não provoca grandes discussões entre os dois?

**SS:** Nós brigamos muito de outras coisas, de fotografia não. Tem 43 anos que nós brigamos!

**LWS:** O dia que parar de brigar morre!

**SS:** Mas por foto a gente não briga.

**LWS:** A gente não briga, porque trabalhamos com muito respeito um pelo outro.

#### Algum dia voltarão a viver em Aimorés?

**LWS:** Na vida, a única certeza que temos é que um dia vamos morrer. O resto a gente não sabe de nada.

**SS:** Quando eu comecei a fazer fotografia pensava que aos 50 ia parar. Tenho 64 e continuo fotografando. ▣